

63R00712

Índios reivindicam demarcação e fim de exploração nas reservas

ENCONTRO DE LIDERANÇAS CONTINUA NO MINDU E DESTAQUE FOI O CACIQUE RAONI

Inê Taveira
Fotos: Alberto Araújo

Invasão de terras por garimpeiros e madeireiros; falta de agilização na política de demarcação de terras e ausência de apoio por parte da Fundação Nacional do Índio (Funai). Estes foram as principais reivindicações apresentadas, pela manhã, no segundo dia da 4ª. Assembléia Geral da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab), no Parque do Mindu.

Num total de 118 delegados de 54 organizações indígenas do Amazonas, Acre, Amapá, Pará, Rondônia, Roraima e Maranhão, a reunião de ontem contou com uma presença ilustre: a do cacique caiapó Raoni Metuktire.

O coordenador do Conselho Indígena de Roraima, Euclides denunciou que a Serra do Sol, localizada numa área de 1,6 milhão de hectares, é hoje uma das regiões mais críticas em termos de demarcação. Lá, as terras indígenas vêm sendo invadidas constantemente por garimpeiros bêbados, que levam consigo um grande número de prostitutas.

De acordo com levantamento realizado pela Coiab, no ano passado, 143 índios foram mortos em conflitos na Serra do Sol. A maioria em conflitos com fazendeiros ou posseiros. Há um ano atrás, um documento foi encaminhado para Brasília solicitando a demarcação, mas ainda não foi aprovado.

Em Roraima, as comunidades de Napixaro, Macuxi e Ingaricó, num total de 10 mil índios que vivem na Terra do Sol, são obrigados a aprender novas técnicas agrícolas e utilizar novos equipamentos para garantir sua sobrevivência, descaracterizando totalmente a cultura.

Euclides denuncia que os garimpeiros (em torno de 1.500) estão se mobilizando junto às comunidades rurais. A nova estratégia é colher assinaturas de crianças nas

escolas para garantir apoio contra a demarcação.

O representante da União das Nações Indígenas do Acre, Sabá Mauchiney, fala que a cada dia cresce a falta de entendimento entre as organizações indígenas e a comunidade civil no Acre. O "x" da questão é a retirada de madeira de lei da reserva como mogno, cerejeira, samaúma e copaíba por ribeirinhos em favor de madeireiras e extração de pedras por grandes mineradoras, como a Mendes Júnior.

As mais prejudicadas pela ação de madeireiros e garimpeiros são as comunidades indígenas de Carapanã (município de Tarauacá) e Água Preta (Apurinã). Por causa desses problemas, hoje as populações residentes ficaram reduzidas pela metade. Mesmo assim, dispõem de aproximadamente 150 a 200 mil hectares. Com os conflitos, os índios Caxary ficaram reduzidos a 150 e Carapanã em torno de 200. A maioria dos povos preferiu morar no Peru, onde as condições de vida são melhores. Lá os kaxinaua somam 2.500 índios.



Lideranças indígenas mostram no mapa as reservas que têm problemas com madeireiros e garimpeiros



O cacique Caiapó foi a estrela da assembléia, ontem no Mindu

Raoni critica políticos

O cacique caiapó, Raoni Metuktire, com auxílio de seu tradutor Moikara, disse que a invasão de terra por garimpeiros e madeireiros vem ocorrendo em maior incidência nas comunidades indígenas do Pará. Lá, as tribos Aulcra, Benclanquei, Tucumã, Báú, Pucaru, Cubencacaré vivem dias de forte tensão.

Raoni culpa os garimpeiros e madeireiros pela atual situação. Ele afirma que os garimpeiros são os responsáveis pelos índios não viverem em paz. "O índio não pensa em doar ou vender suas terras ou o ouro, pois precisa assegurar o futuro de seu filho ou neto", argumentou.

Particularmente, ele disse não gostar da classe política. E relembra a sua experiência como parlamentar como das mais difíceis. Ele aponta como entrave na sua experiência política os "interesses contrários" dos parlamentares, que não estão interessados em defender a causa indígena.

Ele, que participa pela primeira vez das assembleias da Coiab, avalia a reunião como uma oportunidade para se despertar os interesses comuns das comunidades indígenas. Mesmo assim, salienta que sua comunidade não sabe o que é conflito, pois desde 1976, onde vive (Parque Nacional do Xingu), 30 mil índios convivem em plena harmonia.